

**A PESQUISA EM EDUCAÇÃO SOB UMA ABORDAGEM
HISTÓRICO-CRÍTICA***Educational Research from a Historical-Critical Approach*Isis de Azevedo Chaves¹ <https://orcid.org/0000-0003-3199-563X>**RESUMO**

Neste artigo socializa-se uma reflexão acerca da pesquisa educacional sob uma perspectiva humanista, analisando as contradições que perpassam a educação escolar contemporânea à luz da Pedagogia Histórico-Crítica. Tem como interrogação principal como produzir conhecimento que contribui para o desenvolvimento intelectual e a emancipação do ser social. Demonstra-se como a pesquisa em educação funciona como elemento essencial no processo de construção do conhecimento humano. Como aporte teórico utiliza-se autores que estudam e discutem as temáticas abordadas, a saber, Saviani (2011, 2013, 2019), Marsiglia e Martins (2018), Rossi e Viotto Filho (2019) e Rossi e Rossi (2020). A pesquisa em educação, a partir de uma perspectiva humanista, requer a transmissão dos conteúdos que carregam o potencial humanizador, ou seja, os conteúdos científicos, artísticos e filosóficos em suas formas mais desenvolvidas.

Palavras-chave: Educação. Humanista. Pedagogia Histórico-Crítica.

¹ PPGEDU-UFMS, Campo Grande – MS. E-mail: isis.capelania@hotmail.com

ABSTRACT

In this paper it's socialized a reflection on educational research from a humanistic perspective, analyzing the contradictions that permeate contemporary school education in the light of Historical-Critical Pedagogy. Its main question is how to produce knowledge that contributes to the intellectual development and the emancipation of the social person. It demonstrates how research in education works as an essential element in the process of building human knowledge. As a theoretical contribution, in this text are used authors who study and discuss the topics covered, namely Saviani (2011, 2013, 2019), Marsiglia and Martins (2018), Rossi and Viotto Filho (2019) and Rossi and Rossi (2020). It is concluded that research in education, from a humanistic perspective, requires the transmission of the contents that carry the humanizing potential, in other words, the scientific, artistic and philosophical contents in their most developed forms.

Keywords: Education Humanist. Historical-Critical Pedagogy.

Introdução

Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEDU/UFMS), campus de Campo Grande, intitulada “A importância do conhecimento científico na educação escolar: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica”. Sua produção foi impulsionada pela compreensão da relevância do desenvolvimento da pesquisa educacional sob uma perspectiva humanista, isto é, que preze pelo processo de formação humana, considerando a necessidade de apropriação de elementos indispensáveis à constituição do ser social, e que seja constituída pelos conhecimentos científicos, estéticos e filosóficos produzidos pela humanidade e historicamente acumulados, à luz da Pedagogia Histórico-Crítica.

Esta teoria idealizada por Dermeval Saviani (2011) foi escolhida porque, ao tratar sobre a importância do conhecimento científico na educação escolar, ela contribui com a temática da pesquisa humanista. Trata-se de uma abordagem do ato educativo com vistas ao entendimento da relevância do papel do professor na educação escolar e da sua formação, mantendo o foco no processo de ensino e aprendizagem como fator preponderante quanto à ampliação da visão de mundo e o desenvolvimento intelectual e científico dos alunos. Além disso, demonstra engajamento na defesa da educação escolar, cuja função é a socialização do saber objetivo em suas formas mais elaboradas, dentro de um sistema educacional público que possibilita o acesso a todos de forma igualitária.

Nesse sentido, este trabalho tem como questão central uma problematização sobre a produção de conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento intelectual e a emancipação do ser social, o que, de acordo com Saviani (2013),

[...] implica a consciência de que, como toda pesquisa, a investigação histórica não é desinteressada. Conseqüentemente o que provoca o impulso investigativo é a necessidade de responder a alguma questão que nos interpela na realidade presente. Obviamente isso não tem a ver com o “presentismo” nem mesmo com o “pragmatismo”. Trata-se, antes, da própria consciência da historicidade humana, isto é, a percepção de que o presente se enraíza no passado e se projeta no futuro. Portanto, eu não posso compreender radicalmente o presente se não compreender as suas raízes, o que explica o estudo de sua gênese (SAVIANI, 2013, p.4).

Com base nessas ideias, inscrevemo-nos no processo de formação/transformação para a compreensão do movimento do objeto colocado em questão neste texto – a educação – e o entendimento do caminho por ele percorrido até a atualidade, desvendando, assim, as possibilidades de mudança de rota com vistas a construção de uma nova sociedade.

Para a melhor compreensão da totalidade social, que diz respeito à interação e não à soma das partes, precisamos sair da exterioridade e investigar as camadas mais profundas do que está posto como realidade. Para tanto, faz-se necessário apoiarmo-nos em um método crítico-ontológico, isto é, um método que busque a essência do objeto, a realidade em suas contradições, limitações, historicidade, o que é fundamental para a efetivação da pesquisa humanista com vistas à constituição e à emancipação do ser social.

Mediante o exposto, objetivamos responder a seguinte questão: em se tratando de uma pesquisa em educação, qual a significância da escolha de uma perspectiva humanista? Para isso, elegemos Saviani (2011, 2013, 2019), Marsiglia e Martins (2018), Rossi e Viotto Filho (2019) e Rossi e Rossi (2020) para a efetivação deste estudo teórico que traz uma compilação de reflexões extraídas de livros e artigos produzidos pelos referidos autores, os quais têm “abraçado a causa” da Pedagogia Histórico-Crítica, investindo na socialização dos conteúdos escolares que enriquecem intelectualmente os indivíduos, e têm produzido obras que explicitam, debatem e advogam em prol das autênticas necessidades formativas humanas.

Os textos selecionados para este artigo evidenciam o papel humanizador da escola, as seqüelas do escravismo que assolam a educação escolar contemporânea e apontam a pesquisa educacional como elemento essencial no processo de construção do conhecimento humano. Esta

última, além disso, é indicada como forma de investigação que implica um trabalho não material, na qual utilizam-se métodos específicos com a intenção de produzir conteúdo que responda a um questionamento da atualidade em um campo definido e que serve como instrumento para expor e entender a essência da realidade que envolve as questões sociais ou humanas, a partir de proposições anteriormente produzidas.

Este é o papel da pesquisa: *captar, desvendar, explicitar* e fazer emergir a estrutura e o desenvolvimento *essencial* do fenômeno em questão nas suas diversas e múltiplas articulações com os demais complexos sociais que formam a realidade objetiva. Relacionar o afirmado como existente, duvidar do dominante, do abrangente e analisar aquilo que é movente, que é vivo. Isto pode não ser tarefa fácil, mas, com certeza, é antídoto contra a proliferação do vulgar ou do pueril e aparente “saber” dos néscios (ROSSI e VIOTTO FILHO, 2019,p.5, grifos dos autores).

A investigação científica tem a habilidade de fundamentar, recusar, confrontar e reestruturar uma teoria antes elaborada, contribuindo, assim, para o desenvolvimento intelectual tanto do pesquisador quanto da sociedade que dela se apropria. Requer a assimilação dos elementos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade que podem corresponder, ou, ainda, se aproximar da essência do objeto de estudo.

Com este texto, nosso esforço dirige-se a demonstrar que, se quisermos prosseguir no enfrentamento ao esvaziamento da aprendizagem centrada na capacitação intelectual humana, em benefício dos filhos dos trabalhadores cujo acesso aos conteúdos humanizadores dá-se somente na escola, temos que investir em pesquisas que valorizem os clássicos científicos, artísticos e filosóficos a partir de uma abordagem crítica. Trata-se, pois, de adentrar as camadas mais profundas do que está manifesto, com a finalidade de identificar o que tem sido comunicado e, quem sabe, “ser a voz do que tem sido silenciado”.

Para uma aproximação ao objetivo proposto, o texto foi dividido em duas partes, além desta Introdução e das Considerações Finais. Na primeira parte, tratamos sobre as contradições que perpassam a educação escolar contemporânea e as conseqüências para a elaboração de pesquisas educacionais que concorrem para a evolução intelectual do indivíduo. Na segunda parte, discorreremos sobre a necessidade de priorizarmos as legítimas necessidades formativas humanas.

Começando pelo começo: um pouco sobre as contradições que perpassam a educação escolar contemporânea

A educação é uma capacidade exclusiva dos seres humanos e decorre da atividade de transformação da natureza do e pelo homem, desde o nascimento até o fim da vida. Esta ação é efetivada por meio do trabalho material ou não material, configurando, assim, o processo de humanização (MARSIGLIA e MARTINS, 2018). Diferentemente dos animais, o ser humano, ao transformar a natureza para criar os bens materiais necessários à sua sobrevivência por meio do trabalho², modifica a natureza³ externa (ambiente) e a natureza⁴ interna (a si mesmo), em um processo de autoconstrução, ou seja, é constituído pelas suas próprias atividades.

Diante disso, podemos perceber a humanização como um ato educativo que posiciona a origem da educação simultânea com a própria origem humana, ou seja, “[...] o trabalho, em sua acepção ontológica, forma o ser humano” (MARSIGLIA e MARTINS, 2018, p. 1698) por meio das apropriações e transmissões de conhecimentos, conceitos e valores “[...] instituídas a cada novo ser da espécie por aqueles que já constituem o conjunto da humanidade” (MARSIGLIA e MARTINS, 2018, p. 1698). Em outros termos, é o trabalho que institui a humanidade no ser natural elevando-o ao grau de ser social, com habilidades intelectuais e sociais, apto a *com-viver*, viver com o outro.

Mas como os sujeitos se apropriarão de conhecimentos, conceitos e valores se não houver quem os transmita? E como os sujeitos os transmitirão se não houver sua apropriação na educação escolar? A transmissão desses elementos requer a anterior apropriação, sem a qual torna-se impossível o processo educativo. Mediante o exposto, com base nas ideias de Marsiglia e Martins (2018), é plausível a hipótese de que a questão da desigualdade no campo educacional é um problema cíclico, que começa e termina nos conteúdos ensinados.

A educação escolar contemporânea sofre consequências decorrentes do escravismo. A desigualdade advém do sistema socioeconômico instituído e imposto pelos proprietários sobre os

² Conforme Lessa (2012, p. 25), “na investigação ontológica de Lukács, o conceito de trabalho comparece em uma acepção muito precisa: é a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social. Nesse preciso sentido, é a categoria fundante do mundo dos homens”.

³ Importante entender que natureza aqui deve ser compreendida no sentido de tudo que abarca a universalidade do que o ser humano pode trabalhar, o conjunto de elementos que existem em estado inalterado, naturalmente, cuja existência não depende da intervenção humana.

⁴ Natureza aqui foi compreendida quanto a forma de o homem pensar, agir, de perceber a si mesmo e aos outros, bem como entender o seu real papel para a sociedade em que está inserido.

não proprietários, criando uma contradição entre trabalho e educação. Assim, Saviani (2019) expõe que:

A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não-proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho. A primeira modalidade de educação deu origem à escola (SAVIANI, 2019, p. 62).

As palavras de Saviani (2019) são importantes para a nossa compreensão de que a educação escolar nasceu desta contradição que, atualmente, nutre “dois pesos e duas medidas”. De um lado, a classe trabalhadora que precisa obter as formas mais elaboradas do conhecimento, imprescindíveis à constituição da própria humanidade; de outro, a educação escolar que prioriza atender as necessidades comerciais da classe dominante.

Quando o acesso ao patrimônio histórico-cultural humano-genérico privilegia uns em detrimento de outros, “[...] evidencia-se a contradição entre trabalho (em seu sentido ontológico) e educação” (MARSIGLIA e MARTINS, 2018, p. 1698). Nesse contexto, o direito à aquisição dos elementos que atendem às legítimas necessidades formativas humanas é permitido à classe dominante e negado à classe dominada, que fica sujeita à exploração. Visto que o trabalho educativo é humanizador, quando a educação ofertada não tem como finalidade a constituição humana, ela deixa de desempenhar sua função social.

Por isso, concordamos quando Marsiglia e Martins (2018, p. 1704) afirmam que “[...] a educação escolar continua, a passos largos, perdendo cada vez mais seu caráter humanizador e decisivo para a formação das novas gerações”, ou seja, que ela tem negligenciado a sua função de formação de conceitos e ensino-aprendizagem que priorizem os componentes essenciais ao desenvolvimento dos indivíduos e ascensão cultural para a vida em sociedade.

Ainda conforme as autoras, desde os anos de 1990 as reformas educacionais têm promovido menos investimentos e desvalorizado a evolução cultural, o que favoreceu o surgimento de concepções pedagógicas que se estendem até os dias atuais e supervalorizam o cotidiano e a empregabilidade. Simultaneamente, ocorreu o avanço do esvaziamento da educação escolar dos conteúdos fundamentais e humanizadores, revelando:

[...] a contradição entre a possibilidade humanizadora, aqui identificada com o desenvolvimento máximo da consciência dos indivíduos e a alienação, representativa dos processos que apartam os sujeitos das conquistas humano-genéricas e, dentre elas, o acesso aos conhecimentos aptos ao desvelamento do real (MARSIGLIA e MARTINS, 2018. p. 1697).

Ressaltamos que neste texto advogamos pela causa da escola pública, espaço-tempo que é o único acesso dos filhos dos trabalhadores ao saber elaborado e sistematizado que viabiliza o desenvolvimento das capacidades psicológicas superiores, mudança da visão de si mesmo, do mundo e da sua inserção na prática social.

Marsiglia e Martins (2018) retomam as ideias de Ricardo Antunes e Marcio Pochmann e apontam que na escola “[...] realiza-se uma liofilização dos conteúdos escolares, transformando-os em algo morto, vazio, insuficiente, pobre” (MARSIGLIA e MARTINS, 2018, p. 1707), desfavorecendo a qualidade das assimilações necessárias ao enriquecimento intelectual e cultural dos indivíduos no ato educativo que deveria ser humanizador.

Uma sociedade constituída pela verdadeira essência humana torna-se livre para avaliar, decidir e evoluir em sua concepção de mundo, conhecimentos e estratégias refletidas em seus valores éticos e morais. Em contrapartida, uma sociedade que não se apropria da essência humana torna-se alienada, intelectualmente ignorante, e em virtude disso agrega facilmente comportamentos antissociais, danificando, assim, as gerações futuras.

Essas são algumas das contradições que têm influenciado as pesquisas no campo da educação, que, na contemporaneidade, prioriza mais o cotidiano, a produtividade e qualificação profissional do que a formação e transformação intelectual do ser social, e que, em decorrência disso, tem funcionado como participante da inversão da ordem do grau de importância da satisfação das demandas de mercado e do desenvolvimento humano em sua acepção ontológica. Este é o assunto abordado na seção seguinte.

O cerne da questão educacional: a ordem das prioridades

O debate educacional é construído e renovado historicamente por proposições diversas, mesmo que não tenhamos consciência disso, ou seja, não está apartado da dinâmica social. Esta realidade pode ser revelada e apreendida mediante a crítica e a comparação com os dados da ciência, dos conhecimentos elaborados (científicos, estéticos e filosóficos) historicamente determinados pela humanidade.

Não defendemos a educação como a solução para resolver o mundo, mas, sim, como uma dimensão humana que permite aos seres humanos transmitirem conhecimentos, habilidades, valores e idéias e se apropriarem desses mesmos conteúdos. Nosso entendimento é o de que

[...] A educação também contribui para uma autoconstrução do homem, porém, a reprodução complexa do ser social, impõe que os homens cada vez mais ampliem sua apropriação das inúmeras riquezas produzidas pela humanidade, e para tanto a educação possui um papel importantíssimo (ROSSI e ROSSI, 2020, p.53).

Com base nas elaborações de Rossi e Rossi (2020), consideramos que quando o indivíduo se apropria do patrimônio cultural da humanidade (conhecimento elaborado) ele torna-se capaz de compreender teorias indispensáveis para a formação de sua visão crítica e questionadora, para a mudança da concepção de mundo e para a transformação da sociedade. A tarefa de transmissão dos referidos conteúdos cabe ao professor atuante na educação escolar.

Ao contrário, as “pedagogias do aprender a aprender” (PAA) defendem uma ideologia de que os alunos podem aprender sozinhos, desvalorizando, assim, tanto o papel do professor – “dando adeus” a este profissional – quanto da escola e dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Além disso, desprezam a crítica e a busca pela compreensão do objeto em sua essência, priorizando o imediatismo e a empregabilidade e cooperando com a manutenção do sistema de classes e o esvaziamento da humanidade em si mesma. Nesse sentido, Rossi e Rossi (2020) alertam que:

Quando as PAA colocam o foco no *processo de construção do conhecimento*, na *prática imediata* e *fenomênica*, na *abordagem relativista* e focam nos indivíduos para eles estarem adaptados e preparados para a vida no mercado de trabalho, o que acabam por fazer é exercer uma função social ideológica bem precisa: atender os interesses das classes dominantes em face da crise estrutural que vivenciamos (ROSSI e ROSSI, 2020, p.39, grifos dos autores).

As idéias de Rossi e Rossi (2020) confirmam a necessidade de reflexão crítica das diferentes teorias pedagógicas e da defesa das concepções favoráveis às autênticas necessidades humanas, tanto ontológicas quanto sociais. As pesquisas em educação com uma orientação ideológica que contraria os interesses mercadológicos e favorece o ser humano devem articular a ciência e a história, explicitar a essência do objeto estudado de forma mais próxima possível da realidade, ou seja, utilizar um parâmetro ontológico de investigação.

Caso contrário, o pesquisador colocará a sua consciência em primeiro plano em detrimento do objeto, mantendo-se na superficialidade e sucumbindo ao idealismo que sempre exigirá da realidade possibilidades que ela não oferece. Um pesquisador idealista não intenciona compreender a realidade e a define conforme suas próprias opiniões, o que pode levar a distorções na investigação e compreensão do objeto estudado. Diferentemente, a perspectiva ontológica não objetiva determinar uma realidade de acordo com a subjetividade, mas compreendê-la como ela é, e, dessa maneira, produzir um conceito real, fidedigno quanto à essência do objeto investigado.

Enquanto houver essa lacuna, no sentido ontológico, a discussão educacional estará reduzida “[...] a fraseologias das mais diversas espécies que apenas desempenham a função do ‘falso socialmente necessário’” (ROSSI e ROSSI, 2020, p.76) e estaremos suscetíveis a entendimentos que colaboram para o esvaziamento dos conteúdos escolares e desvalorização dos professores, o que Rossi e Rossi (2020, p. 78) nomeiam de “ilusões pedagógicas”.

Essas ilusões “[...] cumprem uma função social ideológica bem precisa: dificultar a compreensão da relação entre educação e a totalidade social contemporânea e, com isso, impedir ações organizadas rumo à sua transformação estrutural” (ROSSI e ROSSI, 2020, p.79). Um pesquisador iludido não contribui para a modificação das estruturas sociais, tendo em vista que produz conteúdo raso, sem bases sólidas, fundamentado nas aparências e em suposições pessoais, negligenciando os fatos, a realidade.

Daí a importância de ir para além das aparências nas pesquisas em educação, desvelar a realidade, mostrar a escola como ela realmente é, suas contradições, o que, muitas vezes, é omitido nas investigações desse campo. Em outros termos, deve-se evidenciar as condições precárias de espaço físico, bibliotecas, laboratórios, material didático, a baixa remuneração, dificuldades na formação e educação continuada dos professores, dentre outros aspectos.

Rossi e Rossi (2020) mencionam em seu texto oito ilusões pedagógicas, sendo elas: a ilusão do relativismo, segundo a qual não existe certo ou errado, tudo é subjetivo; a ilusão de que mais vale o popular do que o erudito; a ilusão de que professor é um técnico, um apresentador, um facilitador; a ilusão de uma abordagem inter/multi/pluri/transdisciplinar; a ilusão de que se deve promover uma educação para o empreendedorismo; a ilusão de que o importante são as formas e não os conteúdos do ensino; a ilusão de respeito às diferenças em detrimento da discussão sobre as desigualdades sociais; e a ilusão de que a escola deve se preocupar mais com a prática real e não tanto com a teoria.

As ilusões pedagógicas problematizadas por Rossi e Rossi (2020) são indicadores do quanto a educação escolar tem sofrido com as investidas das pedagogias que prezam mais o *ter* e o *fazer* do que o *ser*. Abaixo descrevemos e refletimos sobre algumas ilusões selecionando as mais pertinentes ao objetivo deste texto.

Uma das ilusões pedagógicas, “o relativismo”, reduz a importância dos conhecimentos científicos ao afirmar que não existe certo ou errado e tudo depende do ponto de vista, aprisiona a educação escolar no senso comum e impede que os alunos elaborem suas próprias críticas. “Uma teoria se mostra verdadeira ou falsa, quando confrontada com a essência do objeto ao longo do processo histórico, no que se refere à sua particularidade e, também, nas articulações que estabelece com a totalidade social” (ROSSI e ROSSI, 2020, p.81). Ou seja, a comprovação científica pode superar qualquer argumento oposto a uma realidade.

Rossi e Rossi (2020) também apontam que as escolas estão plenas da ilusão de que “mais vale o popular do que o erudito”. O senso comum e a cultura popular não precisam da escola para serem socializados, sobrevivem das aparências e não conseguem suplantá-las, pois, “[...] o papel de alcançar, de modo aproximativo, a essência dos objetos, é exercido pela ciência, pelo conhecimento erudito, elaborado”(ROSSI e ROSSI, 2020, p. 82-84). Portanto, é aceitável a ideia de que uma escola que não quer superar as aparências, que não esclarece a dinâmica e estrutura dos fatos sociais aos seus alunos, ainda que não perceba, está indo na contramão do desenvolvimento da capacidade de avaliação crítica do mundo e da sociedade e nutrindo a estrutura e os interesses do mercado.

Na prática, o pesquisador, independentemente da ilusão a qual esteja submetido, quer seja acreditando que tudo é relativo, enaltecendo o popular em detrimento do erudito ou posicionando o professor como mero facilitador, e não como transmissor, está propenso a produzir mais conhecimento sem profundidade e fantasioso do que humanizador. Sua concepção iludida o faz

aceitar como verdade mais opiniões do que comprovações, visto que o seu enfoque está no ponto de vista de pessoas e não nas evidências científicas.

Já uma escola preocupada com as necessidades formativas humanas deve transmitir os elementos que permitem o desvelamento do real e o aperfeiçoamento do popular, a saber, o conhecimento elaborado (científico, artístico, filosófico). Com efeito, um pesquisador que não resiste ao aprofundamento da realidade e persiste em conhecer, elucidar e criticar o que muitos preferem ocultar ou negligenciar, tende a produzir conteúdo significativo, que pode ser utilizado como aporte teórico por professores no processo de humanização em sua prática docente, como base para pesquisas e para a produção de teorias progressivamente mais humanizadoras.

Em suma, ao discorrerem sobre as ilusões pedagógicas, Rossi e Rossi (2020) expõem uma contradição que ocorre na educação escolar:

A educação escolar, assim como várias outras dimensões sociais enfrenta uma contradição profunda: do ponto de vista da lógica societária ela ajuda a contribuir com os processos de alienação e, portanto, com a imposição de obstáculos à compreensão crítica da realidade objetiva e, por outro lado, do ponto de vista dos *reais interesses de formação humana*, há a necessidade de defender a socialização dos conhecimentos elaborados (científicos, artísticos e filosóficos) perante os alunos numa perspectiva *crítica ontológica* (ROSSI e ROSSI, 2020, p.100, grifos dos autores).

Esta citação é importante para a nossa compreensão de que a distorção de prioridades tem o poder de contaminar as pesquisas, mascarando e/ou deturpando a realidade. Decorre disto a urgência em “[...] superarmos o senso comum e as ilusões pedagógicas socialmente produzidas” (ROSSI e ROSSI, 2020, p.100), o que, por sua vez, depende do desenvolvimento intelectual e de concepção de mundo adquiridos no processo de transmissão e assimilação dos clássicos científicos, artísticos e filosóficos. Diante disso, confirma-se a relevância da educação escolar, da função do professor e dos conhecimentos elaborados.

Rossi e Rossi (2020) asseveram que a educação tem sido colocada em segundo plano pela sociedade em que vivemos, cuja maior importância é o lucro, o ganho. Podemos concluir, então, que seja este um dos motivos pelos quais os debates educacionais não têm sido valorizados, pois, seriam uma ameaça à manutenção do sistema. Esse tipo de sociedade “[...] impacta todas as dimensões sociais incluindo a educação escolar” (ROSSI e ROSSI, 2020, p.103), dificultando a produção de conhecimento científico. Os referidos autores ressaltam, nesse sentido, a necessidade de

[...] compreender a educação como dimensão constitutiva da humanidade. Este é o seu caráter ontológico, isto é, que acompanha o gênero humano desde os primórdios. Este procedimento é necessário para compreendermos qual a natureza, qual a particularidade e a função que a educação cumpre na reprodução da sociedade. A partir disso, podemos avançar para o tão “quente” debate entre teoria e realidade, qual a sua relação e o que é, efetivamente, o conhecimento teórico. (ROSSI e ROSSI, 2020, p. 105).

Consideramos que a única maneira de os professores não se tornarem “presas fáceis” dos idealismos e relativismos pós-modernos é retornarem aos fundamentos da Educação para esclarecerem a sua função real. Por isso, defendemos que a principal tarefa dos professores é consumir e transmitir aos seus alunos o conhecimento científico, artístico e filosófico em suas formas mais elaboradas a partir de uma abordagem crítica.

Os textos acadêmicos da pedagogia têm sido muito repetitivos em sua estrutura. O aluno escolhe a concepção que mais lhe agrada, sem analisar os referidos conceitos dentro de uma realidade da totalidade social (ROSSI e ROSSI, 2020). Por isso a importância da compreensão de que o processo de autoconstrução humana depende das relações sociais estabelecidas dentro de um contexto historicamente construído.

Quanto à dimensão ontológica da educação, os autores acreditam que os indivíduos, em sentido biológico, já nascem humanos, porém, culturalmente, não. Por isso passam a sua vida inteira em um processo coletivo de apropriação e transmissão de conhecimentos elaborados, ideias, valores, teorias etc. Sendo assim, o processo educativo é também um processo de humanização intencional e sistematizado por conhecimentos historicamente acumulados pelo conjunto de homens. Saviani (2011), também citado por Rossi e Rossi (2020), entende que

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2011, p. 13).

A relação direta entre a educação e a humanização remete-nos ao papel do professor, que é contribuir com o desenvolvimento intelectual dos alunos por meio da transmissão dos conhecimentos científicos, estéticos e filosóficos, numa orientação crítica e ontológica. Esse

processo de transmissão dos clássicos e o desenvolvimento da capacidade de ser crítico possibilita a compreensão do mundo e da humanidade na sua totalidade social.

Rossi e Rossi (2020) expõem que o ecletismo metodológico tem sido percebido em vários textos de autores clássicos e consiste em usar diversas teorias, distintas entre si, para analisar o mesmo objeto, resultando em uma análise superficial e/ou deficiente. “Cada pesquisador trabalha com um método, com concepções de mundo, de objeto, de ser humano e de sociedade distintas e, por vezes, antagônicas, isto é, que colidem entre si. Para estudar, devemos ler todos. Para produzir ciência, devemos trabalhar com um” (ROSSI e ROSSI, 2020, p.113). Esta citação assinala a importância de conhecermos diversas teorias, estudarmos o conhecimento que existe de mais elaborado no campo das artes, ciências e filosofia, elementos importantes para a ampliação de nossa visão de mundo. Ao mesmo tempo, adverte-nos que na área da educação devemos escolher autores que “traduzam” o objeto estudado e contribuam para o aprofundamento de sua análise.

Nesse âmbito, é preciso atentar para uma peculiaridade da educação como objeto de pesquisa científica. Com efeito, a pedagogia tem seu estatuto de cientificidade frequentemente contestado, seja pelo entendimento segundo o qual a educação é uma atividade prática não suscetível de ser teorizada cientificamente, seja porque a educação é tida como um objeto de várias ciências carecendo, portanto, de autonomia e unidade teórico-científica. Em outras palavras, a educação tem sido predominantemente abordada por disciplinas científicas externas à educação, estruturadas em função de um objeto próprio que, em sua especificidade, não coincide com o fenômeno educativo (SAVIANI, 2019, p.315).

Um mesmo objeto pode ser compreendido por diversas teorias, isto é, ser interpretado de diferentes maneiras de acordo com pontos de vista distintos. Como saber qual é a teoria correta? É analisando o objeto numa perspectiva ontológica, evidenciando a correspondência com a sua essência.

A gênese da ciência está em íntima articulação com o processo histórico de autoconstrução humana, com a necessidade social de *conhecer a realidade como ela é em si mesma* para poder compreendê-la e transformá-la. Isto não significa, todavia, que sempre deverá se conhecer tudo da realidade. Ao contrário, o conhecimento científico se mostra, ao longo da história, cumulativo e superável. O conhecimento da química ou da física do final do século XIX está superado pelo quanto se conheceu e se desenvolveu destas ciências hoje. Entretanto, algo se mantém em toda e qualquer teoria que se disponha trabalhar com a ciência: a busca pela *tradução do movimento essencial* do fenômeno real investigado (ROSSI e ROSSI, 2020, p. 115, grifos dos autores).

Com isso, podemos afirmar que é a ciência que busca esquadriñar o objeto para esclarecer questões relacionadas à formação e à evolução humana e produzir conhecimento a ser utilizado para alienação ou emancipação dos sujeitos. Nisto reside, então, a responsabilidade do pesquisador quanto ao que vai produzir, a escolha de um método crítico-ontológico e de elementos que sejam favoráveis à humanização, isto é, à autoconstrução humana a partir da apropriação dos conhecimentos historicamente elaborados pelo conjunto de homens.

Considerações finais

Neste texto, explicitamos a importância do avanço nas pesquisas em educação sob uma perspectiva humanista. É inquestionável, pois, a necessidade de engajarmo-nos em uma luta contra as teorias que desprezam a crítica, valorizam o imediatismo e as demandas de mercado em detrimento das necessidades formativas humanas. Trata-se de combater teorias como as “pedagogias do aprender a aprender” que contribuem para o esvaziamento da educação escolar e a precarização da transmissão dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos.

Não ponderamos sobre um conhecimento espontâneo, trivial, resultante de costumes, mas das produções intelectuais humanas, o patrimônio cultural historicamente acumulado pela humanidade que possui propriedades qualificadas para atuarem na via de elevação do nível das capacidades cognitivas do indivíduo. Tendo em vista que quanto mais elaborado é o conteúdo transmitido, mais complexas são as habilidades requeridas para que haja a compreensão e assimilação por parte do indivíduo. Quanto mais apropriações elaboradas, mais percepção, mais humanização e uma geração apta para discernir as possibilidades de novos caminhos.

Em decorrência disso, consideramos que para superar as ilusões pedagógicas que abordamos nesse texto, conforme as elaborações de Rossi e Rossi (2020) são necessários o desenvolvimento intelectual, cultural e de concepção de mundo, a humanização e a emancipação do indivíduo. Esse processo evidencia a relevância da educação escolar, da função do professor, dos conhecimentos elaborados e sua atuação no impedimento da supervalorização do senso comum e das pesquisas educacionais idealistas governadas pela subjetividade, as quais insistem em permanecer na superficialidade da realidade social.

A desvalorização da função do professor está relacionada ao sistema capitalista, às contradições que permeiam os processos educativos e às práticas pedagógicas pautadas no imediatismo e no trabalho assalariado. Por isso, Rossi e Rossi (2020) apontam a retomada dos fundamentos da educação para esclarecer a função real do professor e defender que a principal tarefa dos professores é consumir e transmitir aos seus alunos o conhecimento científico, artístico e filosófico em suas formas mais elaboradas numa abordagem crítica.

É a crítica ontológica que permite alcançar a essência do objeto. Só podemos transformar a realidade se sabemos/acreditamos que tal essência existe. Por isso, para o capitalismo é um “bom negócio” manter a classe trabalhadora na posição de ignorância intelectual, contribuindo e fortalecendo o sistema de classes. Entendemos que a origem das desigualdades na educação escolar contemporânea é a alienação, e que para modificar esta realidade é necessário analisar a qualidade das apropriações e escolher conteúdos que carregam a humanização não apenas nas características superficiais, mas em sua essência.

Conforme já mencionamos, a educação é uma dimensão humana estabelecida historicamente, por isso precisa ser criticada e reconstruída continuamente, cooperando, ao mesmo tempo, para a autoconstrução humana e a transformação da sociedade. A pesquisa em educação numa orientação humanista, ou seja, que preze pelas autênticas necessidades humanas, contribui para a apropriação dos conhecimentos elaborados (científico, artístico, filosófico) indispensáveis ao desenvolvimento e revigoração da autonomia dos indivíduos quanto aos seus aspectos intelectuais, culturais e cidadania, tornando-os capazes de formarem conceitos a partir de suas próprias avaliações.

Referências

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Lígia Márcia. **A natureza contraditória da educação escolar: tensão histórica entre humanização e alienação**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.13, n. 4, p. 1697-1710, out./dez., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.unesp.v13.n4.out/dez.2018.10265>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ROSSI, Aline Santana; ROSSI, Rafael. **Educação escolar e formação de professores: a prática da crítica e a crítica da prática**. [recurso eletrônico] 1ª edição. Campo Grande, MS: Ed. UFMS,

2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/handle/123456789/3490>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ROSSI, Rafael; VIOTTO FILHO, Irineu Aliprando Tuim. **Lukács, educação e pesquisa**. Revista Educativa, Sorocaba, v. 5, n. 2, p. 03-14, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22476/revcted.v5i2.376>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SAVIANI, Dermeval, 1944. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª edição. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

_____. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações**. 1ª edição. Campinas, S.P: Autores Associados, 2019.

Recebido em: 08/09/2020

Aceito em: 11/10/2020

Publicado em: 02/12/2020